

EDUARDO SENS

FOGO  
FOGO  
FOGO

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

Enquanto o professor descia e tirava dúvidas de um aluno, os outros todos voltavam àquela excitação coletiva, à barulheira. As fotos do linchamento estavam expostas em imagens ampliadas e me recolocavam no cenário daquela atrocidade. Corpos retalhados, a cidade, anos antes, em 1947, numa foto aérea; de um ângulo baixo, artístico, com o ferro da cruz retorcida, a igreja era particularmente emblemática. Não só eu. Os cérebros daqueles adolescentes redespertavam ávidos depois de aterrissarem da viagem no tempo. A narrativa, tão vívida, a encenação do professor, a dor na expressão facial dos torturados, suas almas, toda noite, à uma da madrugada, rodando no sentido anti-horário por setenta anos para naquele silêncio protestar exigindo que o tempo voltasse e a justiça enfim fosse feita. Eu vi tudo aquilo em primeira pessoa. Não queria ter visto, mas vi. Senti a fumaça do fogo intoxicar meu pulmão. Segurei meu próprio braço que queria se debater como os braços do professor se debatiam ao lado do próprio corpo, no papel de preso espancado, um preso já caído na fogueira e seus espasmos de quase-morto, na última tentativa de evitar que a gasolina fosse derramada, que o fósforo fosse riscado e de dizer “não me matem, eu sou inocente!”

Naquele momento eu já não sabia quem eu era. Quis ser professor. Poder ensinar a verdade daquele episódio para todo mundo. Iluminar o espírito daquelas três dúzias de adolescentes, e de todos os adolescentes do mundo,

para sempre, para que isso nunca mais acontecesse. Queria nunca ter sido o inútil que fui, o guri que a cada semana queria ser uma coisa grande demais e no final das contas nunca conseguiu ser nada. Deus da tecnologia, CEO de uma gigante do Vale do Silício, milionário, bilionário, ah, que estupidez. Quem eu era senão um projeto? Eu apenas zumbia entre as presenças nulas da minha mãe e da minha avó e entre as maciças ausências de pai e de passado, entre o Frederico e os colegas da empresa, de quem eu só sabia o primeiro nome, entre um assento de lotação e outro. Acho que eu era pura distração, um cérebro potente sem foco, um amontoado de células de culturas dispersas desorganizadas, ou melhor, impossíveis de se organizar. Eu era tantas possibilidades, nenhuma realidade. Eu era projetos pessoais limitados a começos, todos inconclusos: emagrecer, fazer uma maratona, talvez só correr dez quilômetros, conhecer São Paulo, o Cristo Redentor, no Rio, aprender a surfar em Garopaba, uma empresa só minha. Talvez agora, pensei ali na praça, pela primeira vez eu consiga terminar algum projeto, e eu atribuía a esse meu novo poder o fato de simplesmente ter menos do que tinha antes. Tudo o que tinha conseguido até ali foi ser um operário substituível frustrado, nulo na vida real, que só consegue espaço mesmo nos vales sombrios da internet e seus ódios. A internet te faz odiar o diferente, porque só o ódio rende tantos cliques, e cliques rendem muito dinheiro, que rende inveja,

que rende mais ódio. Duvido que as trevas da Idade Média fossem mais obscuras que o mundo por detrás dos cliques.

Fui ao banheiro na praça. No chão espalharam caixas de papelão abertas para servir de tapete e o cheiro de urina queimava a mucosa do meu nariz. Lavei o rosto. Estava com sede e tomei água da pia, com nojo. Os alunos voltavam para a escola. Me aproximei do professor. Travei mais que o normal, rodeando em busca da palavra certa, até que enfim perguntei como foi que essa história acabou. Os responsáveis foram presos? E o padre? Onde é que eu consigo mais informações?

Setenta e um homens, ele disse, entre solene e brincalhão, setenta e um foram presos e ficaram por quase dois anos no Moinho, que serviu de cadeia improvisada, já que a cadeia oficial era pequena demais.

— O Moinho ali do calçadão, tá ligado? Aquele prédio abandonado. Tem uma placa avisando que vai ser tombado.

Não, nem o calçadão eu conhecia. Eu era de Iraí, falei, meio envergonhado, e como que para me justificar, disse que morava há anos em Porto Alegre.

— Como? De onde você é?

— Iraí.

Ele ficou um tempo sem resposta. Parecia querer me perguntar alguma coisa, mas se calou com o próprio dedo sobre os lábios e desistiu. O processo foi um escândalo, ele continuou. Roberto, o padre, deixou Chapecó pouco

tempo depois. O livro da professora Mônica contava a história toda, inclusive do processo. Um juiz tinha escrito um romance, mudando o nome da cidade e dos personagens. Talvez eu encontrasse esses livros na Livraria Humana, na galeria de um café, logo abaixo, Brasileiro, acho que era o nome que ele falou. Café Brasileiro.

— Onde fica?

— Duas quadras para baixo, à direita. Tem uma relojoaria na entrada. Não tem como errar.

— E sobre o padre? Também tem livro?

Sobre o padre, ele pensou um pouco antes de responder, passando os olhos dos meus tênis até o meu cabelo, desconfiado, como quem conferisse as minhas intenções, sobre o padre talvez eu conseguisse alguma informação na secretaria da igreja, ele disse, e me apontou o caminho.



A aula do professor se reencenava na minha cabeça. Eu ouvia o barulho da cidade para ver se algum vestígio de tudo aquilo ainda pairava no ar, como dizia o professor. Pairava. As pessoas que caminhavam por ali não percebiam, mas pairava. Era a mesma tensão que antecede uma trovoadas, quando o vento para de repente, quando o ar pesa e as andorinhas se recolhem, quando os gatos ficam com o pêlo das costas eriçados, os cachorros de rabo baixo

à espera do estouro de um raio caindo por perto, quando os velhos sentem dores nas juntas e as velhas coçam a barriga, por cima do útero, quando até as crianças olham para o céu e se puxam nas saias das mães.

Com os olhos na secretaria da igreja eu me imaginava adolescente na Chapecó da década de 1950. Chapéu, botas, uma faca na cinta. Eu teria um cavalo, ou pelo menos meu pai teria um cavalo — e eu com toda certeza teria um pai. Do alto das suas botas, iguais às minhas, ele me mandaria no nosso enorme animal para o centro da cidade em busca de mantimentos. Eu faria o percurso mais longo pelas ruas do centro, porque para um adolescente da época, ter um cavalo debaixo das pernas devia significar poder. Provavelmente teríamos um alqueire ou dois de terra. Eu teria irmãos e irmãs. Seríamos, só nós, uma pequena comunidade. Cada um na casa teria a sua importância e todos juntos faríamos os serviços, leves ou pesados, não importa, caminhando juntos bem cedo para a roça, lavando roupa, cozinhando, matando uma galinha. Nas ruas, no alto do meu cavalo, eu seria reconhecido pelo nome. Alguns garotos da minha idade andariam com armas na cintura ou espingardas às costas para se protegerem nas estradas do interior ou, caso um jacu gordo aparecesse no meio do caminho, pou!, com a minha mira infalível eu levaria para casa uma carne diferente, um troféu. As cruces espalhadas pela estrada justificariam a posse das armas,

a desconfiança com os estrangeiros. Naquela poeirenta avenida principal de setenta anos atrás, eu trotaria o meu animal levantando as folhas caídas no chão, eu voaria pela cidade, me imaginando por sobre a escola, acima das torres da igreja, do salão de bailes, do campo de futebol. As gurias me olhariam curiosas naquele pégaso caboclo. Eu despertaria a inveja dos rapazes. Daria risada satisfeito quando uma velha falasse mal “dessa juventude”. Para as meninas talvez eu bancasse o personagem de faroeste das revistas que um dia eu teria folheado escondido do meu pai, eu daria um toque leve de dois dedos na aba do chapéu ao cumprimentá-las. Sim, eu cumprimentaria pessoas. Cumprimentaria pelo nome próprio e pelo sobrenome. A gente saberia os nomes próprios das pessoas, não apelidos de contas na internet. Daríamos as mãos e eu saberia que o meu futuro seria algo muito parecido com aquilo, com o passado do meu pai e do meu avô e bisavô, e essa previsão me daria tanta segurança que ansiedade seria uma palavra ainda por inventar. Era tudo o que eu queria: ser como os homens que transitavam nos armazéns da cidade, na loja de ferragens, fazer de tudo um pouco e com o prazer de ver um serviço concluído, ponta a ponta. O dinheiro não seria o meu objetivo. Seria só consequência, resultado. Centenas ou milhares ou dezenas, isso não dizia nada. Se o dinheiro sobrasse pra uma emergência, pra um telhado quebrado, para a injeção no cavalo que adoecesse, já seria

mais que suficiente. Um milhão não seria melhor que novecentos mil, que não seria melhor que mil. O dinheiro eu apreciaria pelo que representava, o resultado do trabalho bem-feito, não por algum tipo de valor intrínseco que me faria desejar mais só para ver os números crescerem, como se fosse um videogame. O mais importante era que eu poderia dizer, se me perguntassem, o mais importante é que eu saberia dizer onde estaria e o que estaria fazendo dali a dez, vinte ou cinquenta anos, porque a minha profissão não ia ser engolida por um robô e a minha vida não somaria um número no mundo de vidas sem emprego e sem utilidade, um mundo que hoje, escrevendo aqui nesta cela, me parece que logo-logo vai existir.

Não cheguei a contar. Dali dava para ver diversas guias, prédios altos espelhados, uns que me pareceram encaixotados sobre as ruas, como se a cidade fosse toda um grande centro de distribuição e as pilhas de apartamentos aguardassem o momento de ser despachadas para o porto. Era só eu que sentia o ar parado? Toda aquela gente parecia alheia à tempestade que se aproximava. Ouvi um trovão. Sob o fundo azul e seco, era só um avião se aproximando para pousar. No mesmo relance os meus olhos pararam no santo Antônio que do



alto da igreja, com o bebê no colo, olhava com pena para todos no chão. Tínhamos também um desses em casa. Eu tinha medo dos olhos dele, medo de encará-lo, medo do olhar estrábico enigmático e perverso daquela escultura que tínhamos em casa.

A secretaria fica numa edificação anexa à igreja. Pela base de pedras, com janelinhas do porão abertas para a rua em paredes largas, dá pra ver que esse espaço foi testemunha do linchamento. Duas mulheres de cabelo curto atendiam as pessoas. A ansiedade daquele movimento todo me surpreendeu, como se um produto ou serviço muito requisitado pelo público fosse vendido ali.

Eu precisava de informações sobre um padre, expliquei. Queria saber dos registros, se podia conversar com alguém a respeito. Roberto Ebbert, linchamento, década de cinquenta. A atendente piscou devagar e segurou os olhos fechados. A que estava no telefone voltou-se para mim na mesma hora, colocou a mão no fone e, num tom azedo bem próprio para a sua cara feia, disparou:

— Não temos informação sobre esse padre. Ele trabalhou poucos anos aqui. Foi para o litoral. Aqui você não vai encontrar nada. E não tem nada de linchamento, isso é bobagem.

Por sorte eu conhecia bem os caminhos de uma paróquia, do tempo que fui coroinha. A secretária me ignoraria se eu não tivesse tirado o cartão da minha avó da mochila:



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em janeiro de 2023.

---

